

Precisamos de uma Infantaria marchando muito mais

Capitão ALCIR D'AVILA MELLO

As exigências do R. I. Q. T. para realização do Exame de Recrutas, prevêm uma prova de marcha "de etapa variavel, da qual, em princípio, a terça parte será feita à noite. Para as armas a pé, essa etapa corresponde a 24 quilômetros".

E, embora mui sabiamente não aluda o R. S. C. a uma média de etapa diária de marcha, é o valor acima (24 km) computado como tal nos exercícios da Tropa e das Escolas, para a Infantaria. As modificações neste valor são quasi sempre para menos, chegando a 20 km raramente para mais, neste caso não ultrapassando 28.

Se se tiver em vista as grandes Manobras do Vale do Paraíba (1940) e a experiência dos Exames de Recrutas realizados anualmente, observar-se-á que mesmo nas Unidades treinadas, o soldado preenche os objetivos acima, mas com muito esforço. Quanto a marcha se desenvolve em boas condições de horário, de tempo e de preparação, 90 % do efetivo seguramente atingem o ponto final, seja ele o Quartel, seja a Zona de estacionamento (nesse caso precisamos estar ainda a D ou a $D + 1$). Basta porém que condições adversas ocorram, por exemplo, uma chuva violenta, um calor intenso, ou que se entre de $D + 2$ para cima, a porcentagem cai assustadoramente. Uma unidade do Vale do Paraíba que ao passar no P. I. levou uma hora para se espar (isto foi a $D + 2$), em fim de marcha se escalonou no tempo de duas horas e meia e no dia seguinte não contava com 20% do seu efetivo.

Isto significa que dos 90% acima admitidos, grande parte paga a custa de energia moral suprindo a física, energia moral

essa resultante de uma transfusão da dos Capitães e Tenentes das Cias., explorando o espírito de unidade e o amor próprio dos homens.

Devemos em consequência dessa conclusão admitir que etapa de 24 km é forte demais para a Infantaria? Que devemos diminuir a etapa de marcha diária, levando-a a 20 km por exemplo?

Mas como fazê-lo se os outros Exércitos têm-na ainda maior?

Começando por alguns países Sul-Americanos, o Equador e o Perú, a Venezuela, — a etapa normal de marcha é de 30 km. No Exército Norte-Americano, a despeito da motorização e ao contrário do que geralmente se supõe, o treinamento de marcha é intensíssimo. O transporte é assegurado para o Reconhecimento e o Comando (carro próprio), para as armas pesadas (Mtr., Mrt., canhão) e para os T.C. e T. E. Quanto à tropa desloca-se a pé, e enquanto nós medimos quilômetros, eles medem milhas (a milha tem 1,6 km). O objetivo que neste Exército se colima é alcançar trinta milhas diárias, ou sejam, quarenta e oito quilômetros, devendo o soldado chegar em fim de marcha apto ainda para combater. Note-se que nestas condições eles medem atentamente as possibilidades e realizações do Exército Alemão, para, no mínimo, igualá-las.

Dir-se-á: “O homem americano, como o alemão, é muito mais forte que o brasileiro, é educado fisicamente desde a infância, tem um nível de vida que lhe assegura perfeita nutrição do organismo. Tal não se dá com o homem que encorporamos”.

Isto é fato. Admitamos porém, para argumentar apenas que um dia tivéssemos que lutar com um adversário forte como um dos acima apontados. Seria o momento de reconhecer inferioridades? Não; o momento é agora, em que temos tempo para compensá-las por medidas inteligentes, começando pela constatação desta necessidade.

Demais, está diante de nós, a Segunda Grande Guerra. Apesar de que até agora “os princípios sejam os mesmos”, é indubitável que as operações se desenvolvem num ritmo muito mais acentuado, ou seja, o ritmo imposto pela velocidade do tank e do avião.

E não se pôde negar que até agora, independente de outras causas, foi bém sucedido aquele que adaptou a sua Infantaria às exigências do moderno material, em vez de sujeitar este à antiga capacidade daquela.

Não é possível, pois, diminuir, é necessário aumentar o valor da nossa etapa normal de marcha.

Que fazer então ?

Inicialmente, *reforçar a resistência à fadiga do homem*, isto é, *agir sobre o homem*. Para isso:

- a) proporcionar-lhe uma alimentação bem feita (para evitar a acidez) e uma Educação Física igualmente bem feita (evitando os records);
- b) realizar um progressivo treinamento de marcha, que se estenda realmente além do primeiro período.

Em seguida, *estudar as condições da execução das marchas*, pesquisar pelo estado físico dos homens na chegada e por suas queixas, *os fatores que lhes diminuem a resistência física, e agir sobre eles*.

Quatro são, a nosso vêr, os principais a considerar:

- os distúrbios causados pelo peso do equipamento;
- o estropiamento dos pés, produzido pela perneira e pelo calçado;
- a assadura na região inguinal, produzida pelo suor e pelo atrito do culote suspenso;
- os distúrbios da sêde.

QUANTO AO PRIMEIRO:

E' lógico que quando se diz — equipamento individual — trata-se do que deve ser conduzido pelo homem. Lógico também é que uma previsão do transporte desse equipamento individual pelas viaturas, significa para as unidades um encargo extra, forçando aquelas a um trabalho dobrado, ou obrigando a dobrar o número das viaturas.

E' difficil a questão neste ponto. O equipamento é a Cruz do Infante. Com um esforço (e é de toda urgência dispendê-lo) seria possível ainda diminuir o seu peso, usando materiais mais leves. Todavia, é pouco provavel que o total fique aquém de vinte e dois quilos. (*)

O fuzil, a munição, o cantil, a ferramenta e seu estojo, a muda de roupa, o segundo par de calçados, a máscara contra gazes e seu estojo, o pacote de curativo individual, a ração de reserva, o pano de baraca, o capote, a marmita e o talher articulado — quem pensaria em tirá-los, quem os consideraria imprescindíveis ?

O único recurso é — como faz o R. S. C. no capítulo que trata das marchas forçadas e como foi feito na Revolução de 1932 em grande escala, sempre que se precisou de RAPIDEZ ou de ECONOMIA da Tropa para ações intensas ultteriores — prever o transporte das mochilas. Isso faz o Exército Norte Americano, naturalmente em grande escala, ou seja, nas escalas das suas possibilidades materiais. Isso nós faremos, eu o creio, sempre que premidos pela contingência de ter a tropa em fim de marcha ainda apta para combater. Mas isso não significa que devemos desde agora habituar o soldado a sistematicamente contar com o transporte do seu equipamento no caminhão. Tal procedimento seria um grande erro. O soldado deve marchar, e marchar sempre que possível, com o equipamento completo. O treinamento progressivo lhe dará a resistência que dele se espera, sem danos para a saúde.

QUANTO AO SEGUNDO:

O inimigo número dois do Infante é a perneira de couro. Uma das primeiras cousas que muitos soldados fazem na marcha é tira-las das pernas e pendurá-las nas costas, no equipamento.

Do exame dos estropiados em fim de movimento revela que são muito mais frequentes os calos provenientes da perneira, espe-

(*) Limite máximo de carga que pode ser transportado por um homem de peso médio de 66 quilos sem risco imediato para sua saúde.

cialmente produzidos pelo espigão de ferro na frente, do que mesmo pelo borzeguim. Muitas vezes, se produzem verdadeiras feridas, bem profundas, e não superficiais como os calos, exigindo de cinco a seis dias, no mínimo, para tratamento.

Neste ponto, parece-me, podemos melhorar muito. Por que não usarmos perneiras de lona impermeável?

Em defesa desta proposta, há três razões:

- uma de proteção — extingue-se o preto do uniforme, que assim, se torna mais disimulado, mais adaptado ao terreno.
- uma de conforto — sendo flexível, a lona evitará a formação de calos e ferimentos no peito do pé e no tendão, e dará maior liberdade aos músculos da perna.
- uma de economia — a perneira de lona será muito mais barata que a de couro, tal o preço que este artigo tem alcançado.

Admitindo todavia, que haja idéia de conservar o couro e o preto, de manter a tradição, que se use o cano de bota, ou no mínimo, que se tire da perneira o espigão de ferro, substituindo-se por uma fivela externa interior, e se use um couro mais flexível.

Por outro lado, é necessário aumentar a dotação em borzeguins, melhorando as suas qualidades.

QUANTO AO TERCEIRO:

Não é bem o suor que provoca a assadura. O nosso culote (calção), com o feitio atual, tende a subir na perna e fica enrugado. É muito frequente na tropa se ver soldados exibindo um trecho de joelho “limitado ao Norte pelo calção e ao Sul pela perneira”, na expressão humorística que certa vez ouvi.

Pois são as rugas do culote que provocam o esfolamento da perna. Somos de parecer que o nosso calção, tal como é feito atualmente, não atende ao conforto do homem, nem à saúde, pois prejudica a circulação.

Buscando o exemplo dos Exércitos mais experimentados, veremos que a calça predomina na Infantaria. Tanto o Americano e o Alemão, como, segundo pensamos, o Inglês e o Russo, usam a calça. O alemão adota um jogo interessante de calça e meia bota, que lembra um pouco a tradicional indumentária da bombacha e do coturno. Aliás, já a nossa Engenharia vem usando o coturno, e, ao que parece, com bons resultados.

QUANTO AO QUARTO:

Para um soldado em marcha, não pode haver melhor encontro do que uma bica ou uma nascente d'água. Para o "troupiér" experimentado, entretanto, isto nem sempre lhe é agradável. Além da necessidade de regular o uso da água (questão de disciplina), está naquela fonte, muitas vezes, o perigo de perder parte de sua tropa.

Como é sabido, a fadiga se produz pela intoxicação muscular e esta intoxicação se torna cada vez mais intensa pela perda de água do organismo (suor), o que produz, naturalmente, uma concentração mais forte dos agentes tóxicos, afetando o sistema nervoso e produzindo o fenômeno que se chama sede. O soldado, porém, ignorante do perigo que corre, procura atender ao pedido de água do organismo, mas fá-lo de uma maneira prejudicial, bebendo a grandes porções, o que, em vez de atenuar, agrava o problema, pois essa quantidade de água vai aumentar a tensão arterial e obrigar o coração já fatigado, a um excesso de trabalho.

Daí, a necessidade de um contrôle maior na ingestão de água nas marchas. Mesmo nas zonas fartas do "precioso líquido", é necessário estabelecer uma disciplina de água.

Pelo exposto, e pelo fato de que *uma boa Infantaria se mede por sua capacidade para a Marcha, para o Tiro e para a Manobra*, mas acima de tudo pela primeira, pois do contrário ficará em inferioridade inicial face a uma Infantaria marchadora, podemos concluir:

PRECISAMOS DE UMA INFANTARIA MARCHANDO MAIS. MARCHANDO MUITO MAIS.

Para isso, é necessário, entre outras cousas:

- Dedicar grande cuidado ao estado físico do Homem (alimentação e educação física).
- Prever um treinamento de marcha progressivo se extendendo realmente além do Primeiro Período e sempre com equipamento completo.
- Abolir a perneira de couro, usando a de lona ou o cano de bota, ou, pelo menos, extinguindo o espigão de ferro das atuais perneiras.
- Melhorar o tipo de calçado e aumentar a sua dotação para a Infantaria.
- Modificar o molde do calção, ou adotar a calça, usada por quasi todas as Infantarias.
- Estabelecer uma constante disciplina de água nas marchas.

“Quand vos hommes auront appris a serer les dents pour rester a leur place sur la route, croyez bien qu'il en restera quelque chose sur la champ de bataille” (LAFFARGUE, *Les leçons de l'instructeur d'Infanterie*).

Rio, 9.I.942



“Defender a língua nacional é defender a independência e a fortuna da nação. E, para que todas estas condições essenciais ao nosso progresso material e moral eficazmente sejam sustentadas e robustecidas, é preciso que todos nossos homens de grande alma, filósofos e poetas, sejam educadores”

OLAVO BILAC